

SITUAÇÃO ATUAL DOS TRABALHOS RELATIVOS ÀS METAS PREVISTAS PARA
O PLANO DE TRABALHO DO INEP PARA 1969 NO QUE RESPEITA À ASSIS-
TÊNCIA TÉCNICA

I - Melhoria dos programas do Ensino Primário

Uma Comissão, de que fazem parte três professores do Instituto de Pesquisas Educacionais da Guanabara, um professor de Ensino Médio da Guanabara, dois elementos da EATEP e três da DAM, está trabalhando sobre material relativo aos 8 primeiros anos de educação em 9 países (USA, França, Inglaterra, Suíça, Itália, Alemanha, Dinamarca, Bélgica e Rússia).

O trabalho já desenvolvido é o seguinte:

- estudo da organização escolar dos países em causa
- tradução dos programas (matérias de ensino primário e cinco matérias básicas do curso médio)
- estudo comparativo dos programas da 1ª e 2ª séries primárias.

A próxima etapa será o preparo de sugestões para a reforma de programas desses anos escolares. Espera-se terminá-la ainda em fevereiro.

Pronto esse material, projeta-se apresentá-lo na Reunião de Diretores de Educação Primária e Assessôres (Operação-Escola), prevista para março.

Nesse encontro - considerando a inadequada dosagem atual dos programas e a deficiente graduação escolar - pretende-se propor a organização de comissões de reorganização de programas, em cada unidade federada, e oferecer assistência técnica para esse trabalho, em especial aos Estados que se revelarem mais necessitados.

II - Melhoria da graduação ^{escolar} e da flexibilidade do sistema de promoção

A melhoria da graduação escolar irá resultar da atuação do INEP relativamente a programas, medida do rendimento escolar e, especialmente, da divulgação dos resultados do Levantamento da Situação da 1ª Série. Esse Levantamento deverá mostrar que a divisão da 1ª série, a qual é realizada em muitos Estados normalmente em 2 ou 3 anos, representa fator ponderável na inadequada graduação das séries escolares.

Quanto ao aumento da flexibilidade do sistema de promoção, o INEP terá de considerar várias soluções possíveis, algumas das quais já tentadas no país. Seja qual fôr a maneira escolhida, desde que haja a mudança de programas, haverá condições mais favoráveis do que as vigentes por ocasião das tentativas já realizadas.

De qualquer modo, é importante ter em vista a responsabilidade do INEP na escolha da sugestão a apresentar. O fracasso, mesmo parcial, da iniciativa irá comprometer a medida, pondo em descrédito até certo ponto a Operação-Escola, o INEP e o Governo Federal, donde a necessidade de ponderar cuidadosamente prós e contras antes de agir.

Solução A - Promoção Automática

Tôdas as crianças são consideradas "promovidas", a despeito do rendimento que obtenham.

Aspecto favorável - Ao fim de 5 anos, tôdas as crianças de 1º ano estarão fora da escola; ao fim de 4 as de 2º, e assim por diante. Desafoga-se a escola; cumpre-se o princípio de igualdade de oportunidades no que respeita a número de anos de estudo assegurados a todos; abrem-se vagas para as crianças que estão fora da escola.

Dificuldades

Este sistema de promoção, onde foi aplicado com êxito, inseriu-se num contexto em que se contava com professores formados em nível superior e habituados a trabalhos de grupo; com diretores especialmente preparados e livres de tarefas de administração burocrática, podendo dedicar-se inteiramente à orientação da escola; em que o conceito integral de educação impregnava tôda a organização escolar (currículos, objetivos a obter); em que se dispunha de material farto para atender as diferenças individuais.

A medida surgiu nesses países depois que foi

. integrado realmente o conceito de que educar não é apenas dar conhecimentos

. reconhecido que as crianças são diferentes e cabe à democracia dar a cada uma o máximo que suas potencialidade permitam, desenvolvendo-as de acôrdo com suas condições

. convencido o professor de que a educação é um processo que se dá em cada indivíduo e não se devem fixar padrões apriorísticos a serem obtidos por todos (especialmente se tais padrões atendem apenas a um grupo mais capaz, como acontece no Brasil).

Partindo dessa situação e de programas especialmente estudados de modo a que atendam realmente a todos, a implantação desse sistema de promoção pode-se fazer sem perigos, com o trabalho naturalmente controlado por testes padronizados que permitam à administração acompanhar o que ocorre e que mantenham no professor o senso de responsabilidade.

Cumprе ainda assinalar que nos países em que é adotado com êxito esse sistema de promoção o professor ineficiente é simplesmente despedido, não havendo o perigo de que, escudado na nova forma de "promoção", êle reduza seu esforço. As medidas são introduzidas gradualmente nas escolas já preparadas para tal fim.

A situação brasileira difere muito da acima descrita.

A produtividade da nossa escola primária é baixíssima e nenhuma administração revelou ainda a preocupação de distinguir escolas que estão trabalhando satisfatoriamente das demais, para concentrar seus esforços de orientação nestas ou para iniciar medidas mais avançadas naquelas.

É preciso acentuar que a filosofia básica do sistema de promoção automática repousa na mudança de mentalidade com respeito a:

- a) que é educação (alargamento do conceito de educação e seus objetivos)
- b) conceituação da educação como processo contínuo
- c) como encarar os currículos e as várias áreas do programa
- d) como desenvolver atitudes, habilidades etc.

- e) como apreciar o rendimento escolar.
- f) diferenças entre as crianças e como encará-las; importância d'êste problema na direção de tôdas a obra da educação

Isso representa um profundo e contínuo trabalho de preparo e orientação dos educadores.

Dentro do panorama geral do ensino brasileiro, parece-nos sem maiores possibilidades de aplicação imediata.

Suponhamos, por exemplo, que muitos dêsses pontos foram vencidos e se levou o professor a aceitar no 2º, no 3º e até no 4º ano, crianças que não sabem ler, que não dominam as 4 operações etc. Como seriam organizadas as turmas, digamos, de 2º ano?

No que respeita à leitura, se a turma não seguiu com o mesmo professor, será difícilimo dar continuidade ao que foi iniciado. Professôres diferentes usam métodos diversos. Além disso, ou as turmas incluirão crianças que sabem e que não sabem ler (neste caso, sendo raríssimo o professor que consegue desenvolver o trabalho satisfatoriamente) ou as crianças mais atrasadas são reunidas. Nesta última hipótese, criam-se turmas fracas, desestimulantes para o professor e alunos, grupando crianças iniciadas por vários métodos, o que leva a recomeçar o trabalho, perdendo-se o que fôra obtido no ano anterior. Algumas crianças reconhecerão de cor uma série de palavras, outras enfrentarão palavras novas com certos fonemas, os quais irão variar em cada caso, sendo praticamente impossível aproveitar experiência anterior tão diversa.

Argumentar-se-á que, apesar de não saber ler, a criança poderá aproveitar outras experiências. É exato dentro, porém, de restrições. Se contar com um bom professor, a criança poderá fazer experiências em Ciências, participar de debates em Estudos Sociais, fazer redescobertas em Matemática. Mas êsse professor é comum? Não nos parece. Nosso professor, em sua maioria, trabalha na base da explanação oral e do exercício escrito, copiado e lido pelo aluno.

A criança que não sabe ler não se adaptará a êsse sistema de trabalho e o professor não dispõe de outro para substituí-lo. O mais provável é que o aluno analfabeto, cursando um 2º ano, se torne uma criança-problema, uma vez que, não conseguindo acompanhar os trabalhos escolares, irá empregar suas energias de outro modo.

Mudar o sistema de promoção sem antes conseguir as condições básicas indispensáveis para sua implantação - reformular o programa, criar nova mentalidade no professor e assegurar material diversificado de trabalho - parece-nos, por isso, altamente perigoso.

O efeito favorável como já foi dito, seria apenas assegurar a todos os alunos um número máximo de anos de permanência na escola (1), só um pequeno grupo alcançando porém as séries finais do curso.

Poder-se-ia ter como efeitos desfavoráveis:

1) a incompreensão do professor, levando-o a sentir diminuída a sua responsabilidade;

2) o aumento das dificuldades enfrentadas pelo professor, resultando em baixa de rendimento;

3) o descrédito da medida, por se verificar que crianças terminaram o Curso Primário sem sequer saber ler.

Solução B - Melhoria de flexibilidade, sem promoção total.

É o sistema que é adotado, por exemplo, na cidade de New York.

As tentativas brasileiras - do Rio Grande do Sul, da Guanabara, da Escola Guatemala (escola experimental do INEP na Guanabara), de Pernambuco, e, agora, de S. Paulo (com a criação de um ciclo de estudos incluindo a 1ª e 2ª séries) são tôdas dêste tipo, variando, porém, em detalhes.

(1) O que não sabemos se na prática desafogará a escola mais do que atualmente o faz a evasão, que é apreciável.

Apenas as escolas do CRINEP da Bahia tentaram uma solução diferente, classificando as crianças por idade em 5 grupos, (a, b, c, d e e) e fazendo-as progredir através destes grupos, iniciando a vida escolar no grupo correspondente à sua idade. Essa solução teve, a nosso ver, a seu favor o fato de ser aplicado em escolas que dispõem de oportunidades de educação integral e cujos professores são devidamente preparados para apreciar a educação dentro da mentalidade desejável a que nos referimos. Conta com orientadores e, ainda assim, parece-nos que os professores enfrentam dificuldades no trabalho, não sendo fácil contar com corpo docente disposto para a experiência. Não nos parece, por essas razões, generalizável.

As experiências do Rio Grande do Sul e Guanabara procuraram levar em conta a idade e o rendimento do aluno para a organização das classes e promoção, mas, não partindo do devido preparo de professores e diretores, recaíram num sistema de classificação de alunos complicadíssimo e rígido. No Rio Grande do Sul chegou-se a ter mais turmas de alunos "a recuperar" do que caminhando normalmente, o que atesta a falta de condições adequadas de programas, medida do rendimento escolar, preparo do professor. Na Guanabara muitas crianças terminaram o curso primário recebendo apenas o certificado de frequência. No 1º ano escolar os padrões obtidos por 56% das crianças passarão a ser conseguidos apenas por 5%.

Comparando o tempo que os alunos levaram para chegar à 4ª série, em três capitais que adotaram o sistema de promoção flexível (Recife, Rio de Janeiro (GB) e Porto Alegre) com três que não o adotaram (São Paulo, Belo Horizonte e Salvador), não houve diferença significativa de rendimento, o que atesta que a flexibilidade e, conseqüentemente, o fluxo de crianças não foi mudado fundamentalmente.

Experiências desse tipo feitas em sistemas estaduais inteiros têm o perigo de poder influir negativamente sobre um grande número de crianças. Por isso todos os países avançados partem de experiências em amostras para generalizá-las depois. E, mais, exigem um determinado tempo de aplicação (que Dottrens, por exemplo, fixa em 5 anos) para acompanhamento e avaliação do trabalho, visando às adequações e reformulações que se fizerem necessárias. Só depois a medida ir'a sendo estendida e é introduzida apenas nas escolas que apresentem condições para realizá-la convenientemente. A Inglaterra, que chegou ao máximo de flexibilidade, onde não há sequer programas senão os fixados pela escola para o ano escolar, procede com prudência e realismo, incluindo nessa reforma apenas as escolas em que já dispunham de pessoal habilitado para êsse tipo de trabalho.

Na atual situação brasileira, parece-nos que devemos aproveitar a oportunidade oferecida pela Operação-Escola para agir tendo em vista o aumento de flexibilidade dos sistemas de promoções, mas sem perder de vista as condições de segurança.

A única experiência que conhecemos que parece ter tido êxito é a da Escola Guatemala. Há 13 anos, quando essa escola ficou sob a orientação do INEP, havia uma variação muito ampla de idades em cada série escolar - desde 6 anos de diferença na 1ª série a 4 na 5ª). Procuramos desde logo verificar as crianças que estavam muito atrasadas com relação à idade, para dar-lhes tratamento especial, reduzindo as exigências do programa ao essencial para que pudessem caminhar mais rapidamente através das séries escolares.

O índice de promoção da escola pelos padrões da Guanabara era inicialmente mais baixo do que o do Estado. Com alteração dos programas e dos critérios de promoção, mas sem promover tôdas as crianças, levamos às séries seguintes um número de alunos aprovados muito superior ao que seria alcançado pelas provas do Estado.

É interessante assinalar que no primeiro ano de aplicação da medida, tendo sido exposto aos pais que haveria maior flexibilidade no sistema de promoção, verificou-se que um número apreciável de alunos produzem menos do que seria de esperar de sua capacidade, por estarem certos de que seriam de qualquer modo promovidos. Para não desacreditar a medida foi preciso mantê-los na série em que se encontravam - sendo-lhes permitida a promoção no meio do ano letivo seguinte, desde que se esforçassem.

Como o programa do Estado era mal dosado, não foi difícil às crianças da Escola atingirem nos anos seguintes inclusive os padrões do Estado para promoção às séries posteriores. Concentramos nossos esforços na 1ª série, em que conseguimos subir de 54% de aprovação pelo critério do Estado a 97% em média nos últimos anos, com a vantagem de não colocar os melhores professores da Escola na regência das turmas de 1ª série, uma vez que professores comuns e até deficientes, com novos recursos usados na Escola, obtêm resultados equivalentes àqueles.

A fim de facilitar o trabalho do professor reunindo as crianças por seus interesses próprios, organizamos por idade as turmas dentro de cada série. Uma ou outra criança - problema e algumas outras que diferiam muito em rendimento do resto da turma foram reclassificadas. A organização das classes por adiantamento foi objeto de estudo durante três anos, revelando-se insatisfatória por não oferecer ao aluno fraco padrões estimulantes e por cansar e desestimular o professor a quem coubesse um grupo de alunos de baixo rendimento. Procura-se, porém evitar crianças muito fracas e fortes na mesma turma, reunindo as fracas às médias e as médias às fortes.

Trabalho em grupo foi tentado mas, apesar dos esforços da direção, os professores o usam relativamente pouco: não se sentem seguros e temem perder o controle da turma.

A passagem da criança de um ano escolar a outro abrange cerca de 90% das crianças e se faz considerando que

- a criança deve, sempre que possível, acompanhar seu grupo de idade

- só há vantagem em incorporar a criança a um grupo de idade inferior se fôr uma criança atrasada no que respeita a interesses, desenvolvimento social etc.

- não se pode prever uma quantidade fixa de conhecimentos a serem adquiridos em cada série por todos os alunos. O importante é que a criança tenha melhorado em leitura, redação, no enfrentar problemas, em atitudes, em habilidades de estudo, em interesses.

Procura-se também considerar se a criança atrasada lucrará mais acompanhando o grupo ou fazendo uma parada (pois se prevê que terá de fazê-lo em algum momento ou, pelo menos, quando chegar ao Curso de Admissão). Se a criança tiver dado o máximo de acôrdo com suas possibilidades será inútil mantê-la na série. O mesmo acontece quando o aluno não produzir o que podia por circunstâncias momentâneas (saúde, conflitos em casa etc.) e lucrará em prosseguir os estudos de nível mais alto.

Outro aspecto importante é o de levar o professor a não tomar o programa como algo rígido, que represente um padrão fixo, mas como um guia para a educação geral da criança, sem metas delimitadas por ano escolar.

A promoção de cada criança na Escola Guatemala é feita pelo professor orientado pelo diretor, que é a última palavra no assunto. A dificuldade da generalização dêsse tipo de promoção reside principalmente na falta de diretores qualificados. À medida que os haja, pode ser implantado êsse sistema de promoção que, através de uma aplicação de 13 anos, vem demonstrando atender satisfatoriamente à situação.

Que parece aconselhável tentar para o Brasil?

A nosso ver, o ano de 1969 deveria ser dedicado a projetos-pilôto devidamente acompanhados pelo INEP.

Poder-se-ia, por exemplo:

- 1) Ajudar o Rio Grande do Sul a aperfeiçoar a reforma que empreendeu, mostrando os pontos fracos da mesma.
- 2) Idem com relação a Pernambuco.
- 3) Acompanhar a reforma de São Paulo.
- 4) Realizar projetos-pilôto
no Espírito Santo,
no Estado do Rio de Janeiro,
na Guanabara,
no Amazonas e/ou Pará e em Sergipe.

Os projetos do Espírito Santo e Guanabara poderiam abranger apenas algumas escolas.

Na Guanabara nos proporíamos a prosseguir a experiência iniciada com turmas de 1º ano em quatro Escolas e incorporar outras se a Secretaria de Educação estiver de acôrdo, trabalhando em colaboração com o Instituto de Pesquisas Educacionais do Estado.

No caso do Pará ou Amazonas, o trabalho deveria iniciar-se por uma graduação mais adequada e por cursos para professores e diretores das escolas que seriam incorporadas ao projeto-pilôto. Poder-se-ia partir das escolas sorteadas para o Levantamento da Situação do 1º Ano. As turmas não sorteadas seriam submetidas no início do ano escolar às mesmas provas já realizadas pelas classes da amostra.

No Estado do Rio de Janeiro poder-se-ia tentar um trabalho mais geral, partindo também da preparação de staffs e de diretores de escola, tendo em vista que o Estado decretou a promoção automática.

A nosso ver, o INEP não deve favorecer mudanças radicais e gerais pois estas redundam em fracasso em todas as escolas mal dirigidas, que às vezes são a maioria, e que se tornam focos de descontentamento e de pressão para a volta às soluções anteriores.

III - Reforma das Escolas Normais

A DAM dispõe de muito material relativo a esse assunto, preparado para a 2ª Conferência Nacional de Educação (tendo, inclusive, consultado elementos de vários CR, especialmente o de Minas Gerais, sobre programas, etc)

Parecem desejáveis, Seminários com Diretores de Ensino Normal e de Escolas Normais ou CTM e, após, ação junto aos Estados.

IV - A Melhoria da organização das Secretarias de Educação

Está prevista no programa dos CEOSE. Parece importante um melhor conhecimento e uma avaliação do que está sendo tentado, preparo de staffs para atuarem nas Secretarias reformadas e integração com as demais medidas em estudo.

V - Projetos-pilôto

1 - O projeto-pilôto sobre supervisão se basearia no trabalho tentado no México, tendo em vista que a organização atual dos trabalhos desgastará em pouco tempo os elementos que se dedicam ao setor.

Visa a tornar mais extenso e menos oneroso o trabalho.

2 - O projeto relativo à formação de professores de emergência precisa articular-se com a Operação-Escola e envolver a Convênios pelos quais se controle a nomeação de leigos.

3 - O de formação de orientadores de 1º ano deve levar em conta a realidade nacional e fazer que esses orientadores se tornem capazes de aproveitar os conhecimentos dos professores conduzindo-os

de maneira a melhorar seus métodos, e não, substituí-los e não ser em caso de insuficiência de resultados. Terá de criar elementos sensíveis à pesquisa e situação de preparo e capacidade do professor, e compreendendo a impossibilidade de se contar com orientadores para todas as classes.

Observação final

Parece-nos essencial que o INEP dê um exemplo de uso produtivo dos recursos que lhe são confiados, avaliando seu próprio trabalho antes de estender soluções. Deve propor soluções imaginárias e criadoras fora dos moldes clássicos e experimentá-los em grupos pequenos para serem depois estendidos se se revelarem promissoras. Precisa levar em conta experiências anteriores realizadas no país e no estrangeiro.

As soluções propostas devem visar à situação comum no país. Projetos que contem, por exemplo, com especialistas atuando como elementos que influem em seu sucesso ou que supõem um orientador para atuar diretamente em classe, preparado em cursos de 1 ano ou mais, por vezes, não têm viabilidade de generalização.

Têm sentido apenas para criar modelos a serem mostrados como meta a ser atingida a longo prazo. Não valem para a situação atual. Parece pois aconselhável considerar, em cada um de nossos projetos, os seguintes pontos:

- a) Quanto custará no total? Qual o custo por aluno, se for o caso?
- b) Já foi experimentado? Qual a melhoria do rendimento que apresentou? Quanto custou?
- c) Que pessoal exige? De quanto tempo de preparo ele necessita? Para generalizar a solução, que quantidade de pessoal será necessária? Quanto custará ao Estado? Em quanto tempo se preparará? Que percentagem do todo que se pretende atingir-irá beneficiar?